

# Onde é que fica a minha ilha:

## Formação e política racial em Jorge de Lima

Antonio Carlos Santos<sup>1</sup>

“Não há dúvida de que há saúva  
de baixo dos nossos alicerces”.

Jorge de Lima, *Todos cantam sua terra* (1958)

316

“Visava o missionário a limpeza de uma  
gente que não se apercebia da própria sujeira”.

Jorge de Lima, *Anchieta* (1934)

“O sangue de Pai João se sumiu no sangue bom  
Como um torrão de açúcar bruto  
Numa panela de leite”.

Jorge de Lima, *Poemas Negros* (2014)

Em 1924, dez anos depois de se formar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro com uma tese sobre o destino higiênico do lixo, Jorge de Lima escreve em alemão um ensaio sobre a formação do povo brasileiro, *Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien (Formação e Política Racial no Brasil)*, fazendo eco à conhecida tese do embranquecimento que teve em Varnhagen seu primeiro escriba (ODALIA, 1997). A ideia era combater a visão pessimista do Brasil de europeus como Georges Vacher de Lapouge e Gustave Le Bon, e anunciar aos alemães o lugar do país no futuro, “o ponto

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor pesquisador do Núcleo de Estudos Literários e Culturais (NELIC/UFSC).

de convergência do progresso humano”<sup>2</sup>. Quando estampado na contracapa do romance *Salomão e as mulheres*, em 1927, o texto trazia um outro título e o fragmento de uma introdução, em alemão, assinada por Ludwig Schwennhagen. A primeira edição, no entanto, só sairia no final de 1934, por uma editora da cena *völkisch* (nacionalistas de extrema-direita) de Leipzig, a Adolf Klein Verlag, com o prefácio de Hans Bayer, representante da Deutsche Nachrichtenbüro (DNB), a agência de notícias oficial do Terceiro Reich, no Brasil.

317

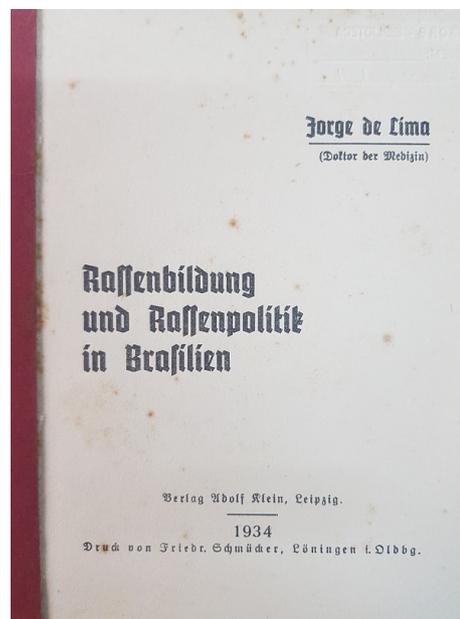


Figura 1. Jorge de Lima, *Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien* (*Formação e Política Racial no Brasil*) (1934).

Este ensaio sobre a nação, sobre seu destino glorioso no futuro, que passava necessariamente pela “via do aprimoramento étnico”, reaparece em 1951, dois anos antes da morte do poeta, um pouco modificado, em uma segunda edição pela Getúlio Costa Editora, Rio, mas ainda em alemão<sup>3</sup>. O

<sup>2</sup> O último parágrafo do ensaio *Formação e Política Racial no Brasil* diz: “A civilização descreve uma trajetória circular de leste para oeste. A obra da civilização que começou no oriente será finalizada no oeste longínquo. A América será então o ponto de convergência do progresso humano. E o Brasil será o centro da América”. Na versão da 1ª edição de 1934: “Die Zivilisation beschreibt eine Kreisbahn von Osten nach Westen. Das im Orient begonnene Werk der Zivilisation wird in fernem Westen vollendet. Amerika wird dadurch zum Konvergenzpunkt des menschlichen Fortschritts. Und Brasilien wird der Mittelpunkt Amerikas sein”. (LIMA, 1934, p. 51).

<sup>3</sup> Graças a Diego Cervelin, que me deu uma cópia desta segunda edição há cerca de 4 anos, pude iniciar a pesquisa sobre esse texto pouco conhecido do poeta em 2017. Agradeço ainda a Anke Heckmann que ajudou a pesquisa na Alemanha, a Marina Santos, que me

prefácio desta vez é de Otto Schneider, tradutor e jornalista que tinha coluna em vários jornais cariocas e foi diretor da Rádio Globo. *Rassenbildung* é, então, um texto que atravessa toda a obra de Jorge de Lima, desde os *XIV Alexandrinos*, de 1914, ano de seu doutoramento na Faculdade de Medicina, de onde provinha em grande parte a teoria racista de que lançava mão, passando pelos poemas negros dos anos 20, pelos romances dos anos 20 e 30, pelos ensaios, pelas biografias, até *Invenção de Orfeu*, um ano antes de sua morte. É como se ele corresse, quase indecifrável, em gótico, sob a corrente de sua obra poética, de romancista, ensaísta, pintor, se mantendo mesmo quando Jorge de Lima abandona o positivismo ateu de sua formação acadêmica tornando-se um católico fervoroso, no início dos anos 20, instigado pela conversão de Jackson de Figueiredo. Roger Bastide já havia contraposto, nos anos 40, o ensaísta da *Formação racial* ao poeta; Antonio Rangel Bandeira, em 1959, mesmo sem ter lido o texto mas apoiando-se na leitura de alguns poemas, também apontava para um incômodo na obra do poeta consagrado em *O roteiro de uma contradição*; outros críticos apontaram o mesmo: Dulce Maria Viana em *O estatuto da ambiguidade: Jorge de Lima e a escravidão*, escrito em 1983; Daniel Glaydson Ribeiro, *Jorge de Lima e os nativos da ilha*, 2014; e Maria Graciema Aché de Andrade, *A invenção do ritmo em Jorge de Lima*, tese orientada por Paulo Henriques Brito, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), defendida em outubro de 2014. Com o repúdio à tese pessimista da degeneração provocada pela miscigenação e o elogio do embranquecimento, Jorge de Lima se debruça sobre a estrutura racial para carimbar uma visão otimista que dá às classes dominantes a possibilidade de dizer aos europeus que temos futuro sim e que o sangue das “raças inferiores” vai sumir “no sangue bom / como um torrão de açúcar bruto / numa panela de leite” (LIMA, 1958, p. 268):

É sobre a estrutura racial que dissimula uma realidade de estrutura de classes, que vão convergir todos os esforços de interpretação de nossa história de parte significativa dos intelectuais brasileiros do século XIX e das primeiras décadas do século XX, demonstrando, de maneira eloquente, que, em

---

ajudou com a busca on line na Biblioteca Nacional, assim como aos alunos e colegas que ouviram e auxiliaram de alguma forma na elaboração deste texto. Sem eles, eu não teria chegado a este resultado.

primeiro lugar, uma opção de sociedade já havia sido feita, tendo como paradigma a sociedade europeia e, em segundo, que essa opção era também uma forma de integração a essa sociedade. Integração que demandava uma metamorfose dos elementos espúrios da estrutura racial, índios e negros, pelo remédio da fusão ou miscigenação racial. (ODALIA, 1997, p. 19)

319 Higiene e eugenia, a tese sobre o lixo, de 1914, e a sobre as raças, de 1924 e 1951, são os dois pilares deste projeto, o resíduo das atividades vitais, de sua obra, que o manteria fiel à sua formação nas faculdades de Medicina de Salvador e do Rio, dos 15 aos 22 anos, ainda que essa fidelidade sofresse de vez em quando alguns abalos e mesmo depois de sua conversão ao catolicismo. Esses textos marginais de alguma forma reconfiguram a obra de Lima e iluminam aquilo que Bastide chamou de remorso do assassino; Antonio Rangel, de contradição; Dulce Maria Viana, de ambiguidade; Glaydson Ribeiro, de enigma; esse traço do racismo brasileiro, essa oscilação entre o preconceito e o elogio, entre a atração e a repulsa, que tenta dissimular com a máscara da cordialidade uma situação cruel de dominação. Iluminam, portanto, o nosso presente, pois, como queria Benjamin, “irrecuperável é cada imagem do passado que ameaça desaparecer em qualquer presente que não se reconheça visado por ela” (BENJAMIN, 1974)<sup>4</sup>.

### O livro

A brochura publicada no ano seguinte à ascensão do nacional-socialismo na Alemanha<sup>5</sup> tem pouco mais de 50 páginas distribuídas em 10 capítulos e um prefácio: 1) *Brasil – A Atlântida do mito europeu*; 2) *O brasileiro*; 3) “*O americano é produto do solo americano*”; 4) *Os povos originários do Brasil*; 5) *Mistura de raças ou processo de seleção?*; 6) *Efeitos das correntes migratórias*; 7) *Fatores biológicos e econômicos da seleção*; 8) “*Brasil – um enorme estado negro?*”; 9) *O balanço étnico do povo brasileiro*; e 10) *Política racial e o futuro do Brasil*. Estranhamente, nesta primeira edição não há bibliografia. Na capa, no alto, à direita, abaixo do

<sup>4</sup> Tradução minha.

<sup>5</sup> Todas as citações do texto se referem à 1ª edição de 1934 e virão apenas com o número da página.

nome de Jorge de Lima, aparece entre parênteses, *Doktor der Medizin* (Doutor em Medicina).

O primeiro capítulo revisita a tese de que o Brasil seria a ilha a que se referem Platão, Aristóteles e outros, a ilha situada entre dois grandes “mares”, o Amazonas e o Prata, inaugurando o tema da ilha que iria se manter até *Invenção de Orfeu*: “Não seria o Brasil essa ilha maravilhosa? Compreendida ao norte pela torrente do Amazonas e ao sul pelo rio da Prata, o ‘Arquibrasil’ se oferece como a imagem dessa ilha” (LIMA, 1934, p. 11).

O segundo capítulo chama a atenção para a presença alemã desde o início da colonização:

O contingente mais importante de imigrantes para o Brasil estava constituído desde logo por habitantes dos distritos de Minho, Douro, Duas Beiras e Trás-os-Montes. Sabe-se que no norte da península ibérica e principalmente na região do Minho e do Douro, a influência racial dos conquistadores e colonizadores de origem germânica foi a mais persistente. (LIMA, 1934, p. 14)

320

A conclusão é que “as bases de nosso tipo popular podem retroceder à influência de raças superiores” (LIMA, 1934, p. 14). Ainda no segundo capítulo, o autor inicia a contestação às teses de Georges Vacher de Lapouge e Gustave Le Bon sobre o futuro do Brasil de “que o nosso país seria um estado negro regredindo em direção à barbarie” (LIMA, 1934, p. 15). Aí estão, portanto, os temas que Jorge de Lima desenvolve ao longo do texto para demonstrar, com números, com as estatísticas disponíveis sobre o crescimento da população, que o país teria sim um grande futuro, ao contrário do que muitos escritores estrangeiros, “em parte por desconhecimento, em parte por má fé” (LIMA, 1934, p. 16), afirmavam.

O terceiro capítulo expõe as várias teses sobre a origem do habitante das Américas, citando duas vezes a hipótese da ascendência fenícia, sem fazer nenhuma referência ao trabalho de Ludwig Schwennhagen. Há ainda uma referência à antropologia somática, ciência que permitiria “tirar conclusões seguras sobre a origem das diferentes raças de humanos no ‘Novo Mundo’ – em razão das diversas singularidades da formação do crânio ou da cor da pele” (LIMA, 1934, p. 18), elogio que voltaria em artigo sobre Euclides publicado em 1943; essa atenção à frenologia aparece ainda

no encontro de Herói com Custódio em *O anjo*, também de 1934: “Levantou-se. Apalpou com as mãos o crânio do outro. – Já mostrou isso a um médico? [...] – Disse que eu tinha cabeça de gênio ou de degenerado” (LIMA, 1998, p. 14). A cabeça do anjo reaparece em outros momentos da novela.

O quarto, *Os povos originários do Brasil*, serve apenas para constatar, com a ajuda de von Ihering, naturalista alemão contratado como diretor pelo Museu do Ypiranga em 1894, e Couto de Magalhães – citando *O Selvagem*, de 1876, que, no entanto, não aparece na bibliografia – o atraso dos índios que não poderiam ser “nem monoteístas, nem politeístas, já que o politeísmo exige um certo desenvolvimento espiritual que não existe de modo algum entre eles” (LIMA, 1934, p. 22).

Mas é no quinto capítulo que a tese do embranquecimento, ou da arianização, aparece claramente formulada:

Fica claro, nessa segunda fase, que o desenvolvimento racial no Brasil não resulta em uma mistura sem caráter e sem valor, como tem sido talvez observado, mas sim que se realiza um processo de seleção duradouro e preciso que traz em si uma gradual arianização de nosso povo e com isso a eliminação das raças inferiores. (LIMA, 1934, p. 26)

321

É curioso como Jorge de Lima contesta a previsão de Lapouge a partir dos mesmos conceitos defendidos pelo teórico racista francês, quais sejam, os de seleção e os de raça, tornados moeda corrente pelas leituras do darwinismo social e da eugenia. A partir de números da população de 1835, 1872 e 1890, Jorge de Lima chega à “comprovação” de que “a formação de nossa raça converge para um objetivo firme, a arianização” (LIMA, 1934, p. 27). O conceito de seleção, fundamental para a eugenia, garante que a “raça superior” prevaleça no “cruzamento” com as “inferiores”.

O sexto capítulo se detém sobre os efeitos das correntes migratórias neste processo, para, em seguida, no sétimo, trabalhar com outros fatores, “particularmente a seleção natural e social, que acelera a redução constante dos elementos de raças inferiores” (LIMA, 1934, p. 33). Assim, imigração europeia mais “fatores biológicos e econômicos da seleção” comprovam que “o crescimento da raça branca predomina largamente” (LIMA, 1934, p.37). É, no entanto, no oitavo capítulo que o autor rebate a “profecia” do “grande

antropólogo Lapouge”: “O Brasil se tornará dentro de um século sem dúvida um enorme estado negro, se não regredir à barbárie, o que é bastante provável” (LIMA, 1934, p. 39). E rebate afirmando que “está totalmente provado que os elementos inferiores que contribuem para a formação do tipo popular brasileiro, decrescem em razão de fatores decisivos e incontestáveis” (LIMA, 1934, p. 39). E cita entre estes fatores: “A estagnação na expansão da raça negra”; a imigração e “a grande série de fatores de seleção favoráveis que dá aos brancos uma força vital não disponível aos pertencentes à raça negra” (LIMA, 1934, p.39). Com isto, mostra que há um “processo de purificação” (*Läuterungsprozess*) em desenvolvimento que é lento – “bem mais moroso, como já foi observado, é este processo no norte do país” – mas que conduzirá necessariamente à “arianização”. Mais adiante, o autor relembra que “nosso tipo humano resulta do cruzamento de arianos com duas raças horríveis (*mit zwei hässlichen Rassen*)” (LIMA, 1934, p.43), frase que será modificada na segunda edição: “Nosso tipo humano resulta do cruzamento de brancos com duas raças de cor” (LIMA, 1951, p.55).

322

O ensaio se conclui ligando a política racial ao futuro do país e enfatizando o embranquecimento da população brasileira: “A arianização do povo brasileiro se realiza como um processo natural” (LIMA, 1934, p.49). Reivindica, então, uma política de imigração que promova “a penetração do elemento ariano” de modo a “diminuir o quanto possível a influência de outros fatores raciais” (LIMA, 1934, p. 49). Como exemplo, descreve a reação da opinião pública a “uma nova entrada de nômades de sangue asiático” (LIMA, 1934, p. 49) e mesmo da imigração em massa de japoneses que, ao contrário dos outros asiáticos, tinham grande valor econômico mas poriam “em perigo a unidade de nosso tipo popular, retardando o avanço do tipo ariano” (LIMA, 1934, p. 50). Conclui, então, afirmando que “a limitação da imigração segundo critério racial é a pedra fundamental da política racial da nação por nós promovida” (LIMA, 1934, p. 50). Pois para o autor é este “fortalecimento racial”, somado às riquezas do país, que possibilitará “construir um Brasil que corresponda ao ideal de nosso anseio nacional” (LIMA, 1934). O próximo passo é mostrar como o

Brasil será em breve a bola da vez no desenvolvimento da história da humanidade:

Em seu percurso, chegará também a hora do Brasil que, então, capacitado pelo desenvolvimento racial alcançado graças à imigração, poderá ser para o novo mundo o que o Egito foi para o mundo antigo. [...] A civilização descreve uma trajetória circular de leste para oeste. A obra da civilização que começou no oriente será finalizada no oeste longínquo. A América será então o ponto de convergência do progresso humano. E o Brasil será o centro da América. (LIMA, 1934, p. 51)

A mesma ideia está reescrita no capítulo “Hesitação”, de *Salomão e as mulheres*, que começa com Eddas e Nibelungos, *Rheingold*, leitmotiv, Siegfredo, Brunhilda, onde a palavra “raça” aparece seis vezes, e cuja cena é uma conversa em uma festa da cidade de Madalena sobre os povos fortes, a nossa gente, os homens do norte, a invasão das raças ádvenas. Contra o juízo pessimista de Fernando, diz Hilda, a inglesa:

O brasileiro há de ir para a frente, por determinismo, ou por destino, se quiserem. O que se observa agora é o tumulto da terra nova. Mais algum tempo, ele arrefecerá e um povo forte integrar-se-á na corrente da civilização, que há milênios vinda do oriente fecundará também o Brasil. (LIMA, 2006, p. 162).

323

Como *Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien* chegou à Alemanha? Por que editá-lo na Alemanha então tomada pelos nazistas de Hitler? Por que nunca foi traduzido? Por que foi reeditado pouco antes da morte de Jorge de Lima, seis anos depois do fim da II Guerra Mundial? Por que, apesar de reconhecer, em artigo de 1949, quando andava deprimido e angustiado, ter escrito um livro “errado sobre raça”, reaparece fundamentalmente o mesmo, ou melhor, robustecido por mais números dos censos de 1940 que lhe confirmariam a validade? Que relações teria esse apego à eugenia e à “antropologia somática” com os poemas, os ensaios e os romances do autor da *Negra Fulô*? Por que ainda defende a sua eugenia contra a de Euclides em 1943? Por onde passa essa relação do poeta com a língua e a cultura alemãs, tão elogiada pelos três prefaciadores?

### As cartas<sup>6</sup>

O primeiro elo desta história é uma carta escrita por Hans Bayer em 10 de janeiro de 1934, em papel timbrado da Wolff's Telegraphisches Büro, a Jorge de Lima, documento que se encontra no Arquivo Museu de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. O jornalista Hans Bayer havia chegado ao Brasil em outubro de 1932, a bordo do navio Madrid, procedente de Bremen, como representante da Wolff's Telegraphisches Büro, de Berlim, que, em dezembro de 1933, se transformaria na Deutsche Nachrichtenbüro, a agência oficial de notícias do III Reich de Adolf Hitler. O jornalista frequenta as páginas dos jornais brasileiros dos anos 30 aparecendo, por exemplo, na excursão que o dirigível Hindenburg, que na época fazia a linha Berlim-Rio de Janeiro, fez com convidados até Santa Catarina em dezembro de 1936. Bayer é listado entre várias autoridades brasileiras e dois “membros de destaque do NSDAP” (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães), os srs. Schagen e Spendhaus, conforme notícia do *Diário Carioca* de 2 de dezembro de 1936. No mesmo mês em que escrevia para Jorge de Lima, o representante do DNB (Deutsche Nachrichten Bureau) protagoniza um diálogo com o general Góes Monteiro, ministro da Guerra de Getúlio Vargas, em matéria de *A Nação*, de 31 de janeiro de 1934. Neste diálogo em que os papéis se invertem, o general que afirma estar acompanhando “com grande interesse o movimento hitlerista” pergunta ao jornalista alemão “como vai aquilo por lá” ao que Bayer responde: “Muito bem”.

É este funcionário do DNB que escreve a Jorge de Lima em português, citando uma amiga comum, Ignez Teltscher:

Depois de ter lido e relido suas poesias que V.Exa. me entregou tão gentilmente há algum tempo, estou não somente um venerador de sua obra grandiosa mas também, mais do que antes, um adorador da maravilhosa língua brasileira, que permite de escrever tão graciosas e, ao mesmo tempo, tão profundas poemas.

Desculpa-se, então, por seu incorreto português:

---

<sup>6</sup> Agradeço aos funcionários da Fundação Casa de Rui Barbosa pela generosa ajuda na consulta ao arquivo de Jorge de Lima.

Sinto vergonha mandando uma carta no meu horrível e incorretíssimo português ao autor da *Negra Fulô*. Mas, infelizmente, não tenho outro meio de exprimir a V.Exa. minha gratidão pelo conhecimento deste magnífico espelho da grande alma brasileira que são as suas obras.

Anuncia então uma visita para os próximos dias, não sem antes manifestar o desejo de “prestar meus modestos serviços à realização da obra de propaganda da literatura brasileira no meu país e nos círculos alemães dentro do Brasil, iniciada com o seu valioso apoio pela nossa distinta amiga, D. Ignez Teltscher” – Ignez Teltscher Sommermeyer, irmã do maestro Walter Sommermeyer, nascida em Porto Alegre, traduziu textos brasileiros para o alemão, inclusive Jorge de Lima. O prefácio à primeira edição de *Rassenbildung* está datado de julho de 1934, Rio de Janeiro (RJ).

O elo seguinte da história da edição de *Rassenbildung* na Alemanha são as cinco cartas que Ildefonso Falcão, cônsul brasileiro em Colônia desde 1931, escreveu a Jorge de Lima, a primeira datada de 28 de junho de 1934 e a última de 7 de dezembro, documentos que também estão no Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Nascido em Mendes, RJ, em 1892, Ildefonso era jornalista e poeta antes de entrar no Itamaraty em 1920. No início de sua estadia na Alemanha, escreveu um texto contra o filme *A caminho do Rio* (*Der Weg nach Rio*) para o *Diário de Notícias*, indignado com o tratamento dado pelos roteiristas ao Brasil. Com o título de *Um filme injurioso ao Brasil e à sua civilização*, o texto aparece na primeira página com o cartaz do filme e o subtítulo: “*Der Weg nach Rio*, pinta-se a nossa capital como uma sórdida taba africana”. É o mesmo impulso nacionalista – e o preconceito corrente entre a elite brasileira que o acompanha – que transparece na cerimônia de fundação do Instituto de Estudos Luso-Brasileiros da Universidade de Colônia em abril de 1934, como se pode ler no artigo escrito por ele para o *Diário da Manhã*, de Recife, em 21 de abril de 1935<sup>7</sup>: “Antevia aniquilada,

<sup>7</sup> A *Revista Brasil-Europa*, Correspondência Euro-Brasileira, de 1989, consultada na internet <[http://www.revista.brasil-europa.eu/124/Ildefonso\\_Falcao.html](http://www.revista.brasil-europa.eu/124/Ildefonso_Falcao.html)>, em ensaio assinado pelo professor Antonio Alexandre Bispo, *Voz do Brasil junto ao Instituto Português-Brasileiro de Colônia: Ildefonso Falcão*, cita o texto escrito por Ildefonso (com reprodução da página do jornal onde não aparece o ano), com o ano, 1935, o que não parece fazer sentido, já que o instituto foi inaugurado em 1934 e o texto começa com “O governo do Reich acaba de reconhecer oficialmente etc.”. *O Diário da Manhã*, de Recife, não aparece na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

pelo menos na Renânia, com o meu irrequieto brasileirismo, o que sempre me atormentou ao longo de já não sei quantos anos de atividade consular – a ignorância, a mais pesada ignorância sobre nós”. Na foto oficial da cerimônia de inauguração do instituto, aparecem, tendo ao fundo as bandeiras portuguesa, brasileira e a suástica, Ildefonso; o ministro da Cultura de Portugal Simões Raposo; o professor Fritz Lejeune, diretor do instituto; Ivo Dane, secretário-geral; entre outros, alguns fardados. Tanto Ivo Dane, quanto Lejeune eram membros do partido nazista.

É ainda Ildefonso Falcão que em 1933 escreve ao chanceler brasileiro Afonso Arinos de Melo Franco para dar conta da procura de judeus alemães por informações com o objetivo de imigrar, antes da política de imigração restritiva de 1937. Segundo ele, que chamava a atenção do chanceler para a oportunidade de admitir pessoas qualificadas e com capital, os candidatos à imigração eram pessoas que “apesar da origem judaica” não possuíam “os traços censuráveis da raça semita” (CARNEIRO, 2010, p. 67). No dia 28 de dezembro de 1933, aparece uma nota na sessão chamada *Diário Israelita*, do *Diário de Notícias* do Rio, que tem como redatores Theodoro Cabral e Samuel Wainer, um elogio à atuação do cônsul:

As cartas que temos recebido da Alemanha pedindo asilo no Brasil para pessoas israelitas que não mais podem viver naquele país, referem-se sempre ao cônsul do Brasil em Colônia, dr. Ildefonso Falcão. A bondade e liberalismo desse distinto diplomata, genuíno representante da alma simples e humanitária do brasileiro, é um exemplo dignificante que merece ser divulgado. (CABRAL; WAINER, 1933)

Na primeira das cinco cartas que escreve a Jorge de Lima, de 28 de junho de 1934, um Ildefonso apressado para poder alcançar o Zepelim que levaria a correspondência comenta “esta hora vertiginosa do mundo que é o nosso”:

Cruzaram-se, e provavelmente no ar, as nossas cartas. Escrevi-lhe à pressa pelo ‘Zep’ que terá chegado ontem ou chegará hoje ao Rio [...]. Antes, um navio furando o Atlântico em 20 dias era uma fera em rapidez. Hoje, essa façanha ficou reservada aos ferros velhos do nosso Loid que, pela sua ausência de espírito novo, reflete perfeitamente a mentalidade (?) dos srs. que remexem a coisa-pública. No momento, a travessia em dez dias parece demorada. O ‘Zep’ faz em três e o Mermoz outro dia fez em menos de 24 horas. Papagaio!

Só no segundo parágrafo, Ildefonso fala do pedido de Jorge – “Antes de mais nada – deferido o pedido” – sobre o livro que queria publicar na Alemanha. E avisa que chamou ao consulado quem o poderia ajudar, o professor Ivo Dane que havia sido assistente de Leo Spitzer (afastado em 1933 por sua origem judaica) e se tornado secretário-geral do Instituto de Estudos Luso-Brasileiros da Universidade de Colônia, inaugurado pouco antes, em abril:

A pessoa a que me referi é o dr. Ivo Dane, tipo por excelência do intelectual alemão, cultíssimo, modesto e com um belo talento literário. Pôs-se em seguida à minha e às suas ordens. Já ontem mesmo escreveu para Oldenburg onde editou ultimamente um trabalho – ‘O simbolismo na obra de Flaubert’ – solicitando orçamento para estudante alemão.

Será em Lönigen, Oldenburg, na Baixa Saxônia, na gráfica Friedrich Schmücker, que o livro começará a ser impresso, até que a Adolf Klein Verlag, de Leipzig, assumira a edição mais para o fim do ano. Oldenburg, quase na fronteira com a Holanda, foi a primeira cidade do Reich a dar uma vitória (48%) expressiva ao partido nazista em 1932.

327

Ildefonso Falcão conhecia Ivo Dane desde seus primeiros anos em Colônia, quando o romanista que havia estudado em Bonn, Marburg, Colônia e Coimbra lhe procurara para conseguir apoio para o instituto. O cônsul brasileiro reclama nas cartas para Jorge de Lima a falta de apoio do Brasil ao instituto, ao contrário do apoio oficial do governo português de Salazar. É o que acontece na carta seguinte, de 24 de agosto de 1934, que se abre com Ildefonso acusando a chegada do texto de Jorge de Lima com o prefácio de Hans Bayer:

“Meu caro Jorge de Lima: Bateu, aqui, firme, o seu livro. Primeiro, tive em mãos o prefácio do Bayer. Muito bem! Agora posso agir”. Continua informando sobre os preços para a impressão e sobre a ajuda do professor Dane para que a edição saísse mais barata. Pergunta então se preferia o texto em gótico ou em caracteres latinos: “O que me parece muito sério é o que lhe perguntei em outra carta: se V. quer em caracteres germanos ou latinos. Para impressionar o leitor indígena seria melhor o primeiro”.

Mais abaixo explica que criticou o ministro da Educação, Washington Ferreira Pires, por este ter negado “sempre sistematicamente

auxílio ao Instituto de Estudos Luso-Brasileiros da Universidade de Colônia” e pede: “E V., meu caro Poeta, não poderia agir junto ao Capanema?”<sup>8</sup>. E, assim como no discurso de inauguração do instituto e no artigo contra o filme *Der Weg nach Rio*, Ildefonso evoca sua missão nacionalista e seu desejo de reconhecimento: “‘Seu’ Jorge, precisamos de descobrir o Brasil na Alemanha! O meu brasileiro tem teimado nisso, e continuará a teimar porque índio brabo, sou a própria teimosia num exemplar bípede”.

No maior parágrafo da carta, Ildefonso pede notícias de Zébmim, apelido de José Jobim, nesta época jornalista dos Diários Associados no exterior e, a partir de 1938, também membro do corpo diplomático. No fim da carta anterior, de 28 de junho, já havia uma referência a ele: “Diga, por favor, a Amenulah Zébmim que estou uma fera com ele”. Aparece então, nesse parágrafo mais longo da carta de 24 de agosto, a explicação: havia enviado uns artigos pelo irmão Antonio para Peregrino Jr (o jornalista, médico e escritor João Peregrino da Rocha Fagundes Júnior) e pedido ao Zébmim que conversasse com Peregrino Jr sobre a possibilidade de publicá-los. José Jobim, que já aposentado, depois de ter sido embaixador no Paraguai e negociado o acordo para a construção de Itaipu, foi morto pela ditadura civil-militar em 1979, aparece em todas as cinco cartas que Ildefonso escreve para Jorge de Lima de Colônia. No final da carta de agosto, Ildefonso avisa que Raul Bopp “chegará aí proximoamente pelo ‘Belle Isle’. Comunique, por favor, a Zébmim”. Raul Bopp e José Jobim seriam colegas no consulado brasileiro de Yokohama, Japão, em 1938.

A terceira carta, de 2 de novembro, é bastante curta, três pequenos parágrafos e algumas linhas escritas à mão. No primeiro, conta que andou doente: “Quem lhe bate este bilhete é um ressuscitado. O diabo de uma gripe braba à entrada do outono quase me mata. Comi fogo e hoje, pela primeira vez, venho ao consulado por um momento”. No segundo, dá notícias do livro:

Nervoso, sem poder dizer-lhe nada sobre o livro. Mandei apenas recados por Zébmim. Mas agora o bicho vai. Se esperasse

<sup>8</sup> Gustavo Capanema, ministro da Educação de julho de 1934 a outubro de 1945, depois de W. F. Pires, encomendaria a Jorge de Lima a biografia de D. Vital que o poeta leria em 7 de abril de 1937 no salão Leopoldo Miguel da Escola Nacional de Música.

um pouco, teria editor em Berlim. O seu livro foi considerado coisa séria por esta gente. O Dr. Kramer deu-me a sua opinião pessoal, como a de Professores de Berlim e Bonn. Viva!

Aqui entra em cena outro personagem importante na história da edição de *Rassenbildung* na Alemanha: Hans Kramer que era *Landesbauernführer*, uma espécie de secretário da Agricultura, da Renânia. Richard Walther Darré, nascido na Argentina, era o *Reichsbauernführer*, ministro para a política agrária do III Reich. No Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa há cinco cartas de Hans Kramer em papel timbrado do *Reichsnährstand*, com a águia pousada sobre a suástica e a inscrição *Blut und Boden* (Sangue e Terra). Ele será o elo entre possíveis editoras para o livro de Jorge de Lima e, finalmente, através dele, Adolf Klein fará contato com Ildefonso Falcão.

329

Voltando à carta-bilhete de 2 de novembro, Ildefonso diz que não há necessidade do envio de dinheiro e reclama: “Não recebi ‘Anchieta’. Mande-mo logo. Preciso de luz”. Refere-se à biografia “em estilo simplicíssimo” publicada neste ano de 34, depois de sair em partes no *Correio da Manhã*, de setembro a outubro de 1933. A carta seguinte, de 10 de novembro, é mais longa e começa falando do correio: “Ontem, por pouco, perdi a mala aérea. Danei-me. Queria dar-lhe logo a notícia que aqui vai: começou a ser composto o seu livro numa editorial de Oldenburg”. Conta que a impressão vai ficar por menos de 200 marcos para mil exemplares e volta à escolha do alfabeto gótico:

Espero apresentar-lhe um livro decente, com boa revisão. Insisti no gótico para atordoar os índios aí da Avenida. O Dr. Pontes de Mirândola [sic] vai comer fogo para decifrá-lo. Sei que ele é um bicho no alemão através das... traduções francesas.

A referência irônica é a Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda, jurista, professor, diplomata, sociólogo e matemático que esteve na Europa em 1930 e que Jorge de Lima conhecia desde os anos 20. Povina Cavalcanti conta como ao passar algumas semanas no Rio em 1924, ano em que escrevia *Rassenbildung*, Jorge de Lima foi homenageado por Pontes de Miranda com um jantar em sua casa em Ipanema (POVINA CAVALCANTI, 1969, p.85).

Quem conta a viagem do ilustre intelectual brasileiro em artigo bastante irônico é Sérgio Buarque de Holanda (*O Jornal*, “Os instintos da sabedoria / Algumas considerações à margem da recente viagem de Pontes de Miranda a Berlim”, 23 de novembro de 1930). É ele que escreve sobre o silêncio na imprensa alemã em relação à visita daquele que “era membro honorário de nada menos de oitenta e quatro sociedades sábias alemãs”. (BUARQUE DE HOLANDA, 1930). Lá pelo meio do longo texto, Sérgio Buarque escreve: “Ainda no outro dia chegou a dizer aqui em Berlim, com uma escandalosa modéstia, que suscitou vivos protestos de meu querido amigo Ildefonso Falcão, que nosso país não produziu um só homem de valor depois da Proclamação da República”. A referência de Ildefonso a Pontes de Miranda vai no mesmo sentido da de Sérgio Buarque de Holanda, zombar de sua fama de sábio, aproveitando-se da brincadeira que o autor de *Raízes do Brasil* faz com o “quase homônimo e sócia mental de Pico dela Mirandola”.

No segundo parágrafo, Ildefonso avisa que está mandando também uma carta de Hans Kramer, “hoje seu grande admirador, e que lhe teria arranjado editor se não estivesse eu com pressa” – Ildefonso deixa o consulado entre fins de 1934 e início de 1935. Aconselha Jorge de Lima a:

[...] fazer relações com ele: É um publicista de talento. Foi ele, antes, quem me forneceu aquela enfiada de etnologistas e, homem estudioso, está em contato com os meios universitários da Alemanha, sobretudo de Bonn. Escreva-lhe duas linhas.

No terceiro parágrafo, volta a falar de sua gripe e a se referir ironicamente a outra figura intelectual da época: “Este bilhete estará a parecer prosa do Gustavo Barroso, o integralista, que precisará também de um litro de óleo de rícino para atenuar a espessura da burrice ingênita”. Barroso publicara neste mesmo ano, de 1934, *Brasil, Colônia de Banqueiros*, livro antissemita animado pela leitura do apócrifo *Protocolo dos Sábios do Sião*, que ele traduziu, e pelas ideias de Plínio Salgado. No quarto parágrafo, pergunta por Zévim (José Jobim) e dá conta de suas desavenças com Ronald de Carvalho, para finalmente terminar dizendo que *O Anjo*, romance de Jorge de Lima que havia saído também em 1934, “continua a fazer por aqui um bruto sucesso”.

A última das cartas de Ildefonso Falcão a Jorge de Lima, guardadas no Arquivo Museu de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa, é de 7 de dezembro. Depois de avisar que recebeu finalmente *Anchieta* e de dar notícias de sua gripe: “Pasme diante deste azar: recaí na minha bronquite, e com febre alta que me depauperou. Mas ‘arreagi’”, conta que chegaram as provas do livro: “Tem me dado trabalho porque você me mandou um original com muitas faltas datilográficas, a começar por nomes brasileiros. Já estou na terceira prova e pedi quarta. Quero que o livro saia em ordem”. Diz então a Jorge que há interesse de uma editora de Leipzig sem nomeá-la:

Não estranhe se fechar contrato antes de sair a primeira edição, para uma segunda com uma casa editora de Leipzig. Os entendidos encontraram mérito no seu trabalho. Tem me ajudado muito neste laborzinho o dr. Kramer – excelente criatura que vive para os livros.

Interrompe então as notícias sobre o livro para falar novamente de José Jobim: “Zévim, sempre andarilho. Escreveu dizendo que virá para o plesbiculo no Saar. Já estará em caminho. Talvez vá vê-lo em Paris, uma vez que aqui ele não entrará tão cedo”. José Jobim publicou em 1934 dois livros, um contra o nazismo alemão e outro contra o fascismo português: *Hitler e seus comediantes* e *A verdade sobre Salazar*, por isso não seria sensato ir à Alemanha para acompanhar a decisão sobre o destino da região do Saar<sup>9</sup>. Ildefonso avisa ainda que estará em breve de volta ao Brasil, “nos primeiros meses do ano”.

Volta a dar notícias do livro no último parágrafo:

Espero mandá-lo dentro em pouco. A demora vem sendo determinada pela minha teimosa gripe e também pela distância da casa que o prepara. E eu sou o tipo ranzinza nessas coisas. Uma vírgula de mais ou de menos me parece falta grave. De acordo com o Kramer organizei um plano inteligente de distribuição, dos etnólogos de verdade aos professores especializados nas grandes universidades.

Pede então novamente a Jorge de Lima que mande seus livros para o Instituto de Estudos Luso-Brasileiro da Universidade de Colônia e termina reclamando da falta de apoio do governo brasileiro: “Nunca há dinheiro para

<sup>9</sup> Em janeiro de 1935, 90% dos habitantes votariam para que a região do Saar se juntasse ao Terceiro Reich de Hitler que, no mesmo ano, em 1º de março, visita a capital Saarbrücken onde é recebido calorosamente pela população.

essas bobagens da cultura...”. À mão, escreve no final da carta, depois da assinatura, “acaba de chegar carta do homem de Leipzig”, referindo-se à carta de 6 de dezembro que Adolf Klein lhe envia depois de contatos com Hans Kramer.

Na primeira carta de Kramer para Ildefonso, de 2 de novembro, em papel timbrado, Ildefonso marcou em azul o endereço do *Landesbauernführer*, Endenicher Allee 60, em Bonn, e, à mão, “Escreva para este endereço”. Nela, a autoridade nazista da Renânia comunica ao cônsul brasileiro que está negociando com cinco editoras e pede a ele que escolha a que mais lhe parecesse adequada. Na segunda, de 27 de novembro, avisa que está enviando uma carta da editora Adolf Klein de Leipzig e aguarda a decisão de Ildefonso. Na terceira, de 1º de dezembro, o *Landesbauernführer* envia nova carta de Adolf Klein e pede que Ildefonso decida rápido a tempo de colocar o nome da editora na capa dos exemplares que já estavam sendo impressos pela gráfica Friedrich Schmücker, de Oldenburg. Dois dias depois, 3 de dezembro, nova carta, dessa vez comunicando o envio das provas corrigidas para o cônsul e renovando os pedidos de uma decisão rápida sobre a editora Adolf Klein. Há ainda duas cartas de Adolf Klein para Kramer, de 26 e de 29 de novembro, e a resposta de Kramer de 27 de novembro.

332

Na primeira, Adolf Klein afirma ter recebido e lido o livro de Jorge de Lima e “não ter encontrado nada que o desabonasse de nosso ponto de vista alemão”. O editor confirma então seu interesse: “Como compartilho de sua opinião de que o texto é bem-vindo por razões de política exterior, estou pronto a editá-lo de bom grado”. No restante, Adolf Klein trata de discutir o número de exemplares, como uma parte deles poderia chegar ao Brasil. Kramer responde um dia depois:

Acuso e agradeço a chegada de sua carta de 26 de novembro. Infelizmente, o senhor cônsul não pôde esperar, em razão de seu regresso ao Brasil, para imprimir o texto que o dr. Jorge de Lima tem em grande conta. O livro então já foi impresso, mil exemplares por 160 marcos – pela gráfica de Friedrich Schmücker, em Oldenburg. Pergunta-se apenas se o senhor gostaria de tomar para sua editora o texto já impresso. Isto deveria ser imediatamente decidido pelo senhor para que se possa incluir o nome da editora na capa do livro. Gostaria de lhe informar as condições para que o senhor assumira para sua editora o livro já impresso. De nosso lado, confirmamos que o

dr. Jorge de Lima renuncia a qualquer pagamento e que ainda pagará uma contribuição para os custos de publicação. O senhor receberá então 6 – 800 (sic) exemplares impressos. Como alguns dos maiores jornais do partido já me pediram que eu escrevesse um ensaio sobre o dr. Jorge de Lima e sua obra, ficarei com a incumbência de fazer a propaganda correspondente. Espero demonstrar a este escritor tão influente no Brasil um gesto amigo de nosso país. Como todo lucro com a venda do livro ficará com sua editora, creio que as despesas com a edição não serão muito altas (estimo que em cerca de 50 marcos).

A resposta de Klein à carta de Kramer – que termina com “Heil Hitler” – vem dois dias depois, 29 de novembro. Primeiro, o editor desconfia do preço muito baixo cobrado pela gráfica – 160 marcos – para logo comunicar que:

[...] Com a condição de que o livro tenha uma aparência adequada, o papel seja impecável e a brochura boa, estou de acordo em receber os 800 exemplares e para isso pagar 100 marcos à gráfica. Ficam ainda faltando 60 marcos que o autor deve pagar diretamente à gráfica.

333 Informa então que vai entrar em contato imediatamente com a empresa de Oldenburg prometendo enviar notícias em breve. Por fim, Klein escreve a Ildefonso em 6 de dezembro, um texto curto de apenas dois parágrafos que dão conta do já combinado com Hans Kramer e confirmam a inclusão do nome da editora nos livros já impressos em Oldenburg. Ao fim da carta, escreve Ildefonso, a quem o poeta dedica o romance *Calunga*, de 1935, um adendo para Jorge de Lima:

Não fiz questão de fazer este negócio, sem ouvi-lo, porque o meu interesse, penso, é jogar o livro neste meio de cultura séria. Essa casa editorial de Leipzig, das maiores, propõe-se a fazer a 2ª edição, dando-lhe 30 exemplares, a menos que você queira dinheiro ao contado. Resolva e me comunique sem perda de tempo. Tou aqui de pé no estribo. Da 1ª edição ficará você com 200 exemplares para dar a outros interessados. Os 100 marcos de Leipzig ajudarão a pagar o trabalho de Oldenburg, inferior a 200. Considero tudo isso um bruto sucesso para um autor de – como se diz aqui agora – raça inferior. Felicito-o.

O final da história da edição de *Rassenbildung* na Alemanha do III Reich merece ainda dois comentários. Primeiro, a piada sobre a raça inferior que parece ignorar que o livro de Jorge de Lima se alimenta dos mesmos conceitos racistas dos alemães, ou seja, um desdobramento da própria posição conceitual do texto que critica a previsão de um futuro sinistro para

o Brasil, a “degenerescência”, a transformação em um estado negro bárbaro, mas se sustenta nos mesmos conceitos para prever um futuro glorioso para a nação, reafirmando assim seu comprometimento com o projeto de uma nação branca nos moldes europeus através de uma política racial de eugenia, de higiene, um processo de purificação (*Läuterungsprozess*).

Segundo, a editora Adolf Klein, de Leipzig, não era evidentemente uma editora qualquer naquele momento da Alemanha de Adolf Hitler. Fazia parte da cena *völkisch*, palavra derivada de *Volk*, povo, que englobava muitas tendências do pensamento (e da ação) da extrema-direita desde a República de Weimar – nesta cena atuava fortemente, por exemplo, o escritor Ernst Jünger que havia lutado na França na Primeira Guerra e se tornara conhecido com um diário, *Stahl Gewitter (Tempestades de aço)* que conta sua atuação como soldado voluntário do Exército. A Adolf Klein foi fundada em 1926 e não resistiu ao fim da guerra. Não era uma editora grande e sim uma pequena empresa dirigida a um público determinado. Entre seus autores, o mais conhecido era Bernhardt Kummer, membro do partido nazista em 1928, nascido em Leipzig onde se formou em Teologia e em cultura nórdica antiga. Kummer, que deixa o partido em 1930 mas se mantém sempre próximo aos nazistas, era diretor da publicação *Nordische Stimme, Zeitschrift für nordisches Wesen und Gewissen (Voz do Norte, Revista do ser e da consciência do norte)* da Adolf Klein Verlag, porta-voz de uma ideologia idealizada da sociedade nórdica pré-cristã que questionava a ideia de progresso, recusava o materialismo, desdenhava a cultura urbana e democrática. Sua hipótese era a de que a cultura nórdica havia entrado em decadência com a chegada do cristianismo, como defende em sua tese de 1927, *Midgards Untergang, Germanischer Kult und Glaube in den letzten heidnischen Jahrhunderten (A decadência de Midgards, Culto e Fé Germânica nos últimos séculos de paganismo)*, livro reivindicado pelos movimentos de extrema-direita ainda hoje na Alemanha. A editora abrigou também, durante algum tempo, o círculo de seguidores do poeta simbolista Stefan Georg.

### A 2ª edição

Antes de publicar novamente o texto, em alemão, mas não mais em gótico, em 1951, pela editora de seu amigo Getúlio Costa, Jorge de Lima escreve um artigo para o jornal *A Manhã*, do Rio, de 28 de dezembro de 1949, intitulado *Síntese de Literatura*. Comenta aí *Síntese histórico-literária da literatura germânica*, do frei Mansueto Kohnen que, nascido em 1910, em Aachen, na Renânia, e morto em Rüsselsheim, perto de Frankfurt, em 1966, havia lecionado no Colégio Diocesano, em Lages, e na PUC-Rio, onde fundou a cadeira de Literatura Alemã. Jorge lembra que havia sido professor dele na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil onde o frei franciscano se formou em sociologia e literatura brasileira: “Os tempos mudando e eu assistindo à evolução do frei em todos os sentidos, me considero seu discípulo” (LIMA, 1949). A leitura do livro de Kohnen, escreve o poeta, lhe faz lembrar também dos tempos em que estudava alemão, ainda estudante de medicina, com a senhora Conselheiro Lourenço Cavalcanti (1842-1918), Francisca Vieira de Sinimbu de Albuquerque Maranhão, filha do barão de Atalaia, Lourenço Cavalcanti de Albuquerque Maranhão, e com Ana Luísa Vieira de Sinimbu, irmã do Visconde de Sinimbu.

335

Vale ainda lembrar que 1949 é o ano do *Livro de Sonetos*, escrito, segundo seu amigo e médico José Fernando Carneiro, em estado de hipnagose, em um momento de grande angústia do poeta: “No momento de angústia a que me referi, há 4 anos atrás, Celidônia, Elisa, a draga, o galo da igreja e muitas coisas mais começaram a aparecer em frente de Jorge de Lima e ele teve medo”. (CARNEIRO, 1954, p. 29) Seu biógrafo, amigo e cunhado Povina Cavalcanti também se refere a uma fase difícil na vida do poeta desde o fim dos anos 40: “As mil e uma atividades de Jorge, multidividindo o seu tempo, que estirava com uma elasticidade incrível, arrastaram-no, aí pelo segundo semestre de 1948, a uma grave depressão”. (POVINA CAVALCANTI, 1969, p. 216) A doença que o iria matar começou a se manifestar após a publicação de *Invenção de Orfeu*, em 1952.

Voltando ao artigo sobre o livro do frei Mansueto Kohnen, depois de muitos elogios, Jorge de Lima afirma que o objetivo de seu texto é “apontar um autor de visão cristã da literatura alemã, essa literatura tão bela e tão rica

que por amá-la imensamente me levou a escrever um livro errado sobre raça”. Avisa então que pretende consertar seu erro: “Fi-lo de boa fé, e confesso o meu erro, que já procurei sanar, refundindo toda a obra”. Lança um apelo assim ao aluno que virou mestre:

E de público lanço um apelo a este esclarecido Mansueto Kohnen que tendo sido meu aluno se tornou meu mestre: auxiliar-me na correção dos enganos que cometi para que uma segunda edição de *Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien* apareça honesta aos olhos do senhor. (LIMA, 1949)

336 Não se sabe se o frei franciscano ajudou realmente o poeta na correção do texto que saiu em 1951, mas o certo é que as diferenças entre a primeira e a segunda edição não são tão grandes assim. A tese do embranquecimento que sustenta toda a argumentação se mantém inalterada. O autor substitui algumas vezes o adjetivo *arische* (ariano) por *weisse*, (branco), assim como o substantivo *Arier* por *Weisser*; *überlegener Rasse* (raça superior) por *vorzüglicher Rasse* (raça de valor); expressões como *aufniederer Stufestehenden Rassen* (raças que pertencem a camadas inferiores) por *farbigen Rassen* (raças de cor); suprime no capítulo oitavo, parágrafo 23º, a expressão *zweihässlichen Rassen*, duas “raças horríveis”, colocando no lugar “raças de cor”; inclui novos dados estatísticos nos capítulos quinto e sexto; no final do sétimo acrescenta uma frase para explicar por que ainda utiliza a palavra *ariano* que, como dito antes, tinha sido algumas vezes substituída: “E quando falamos de ‘grupo ariano’, ou quando utilizamos a expressão ‘processo de arianização’, salientamos que com isto queremos dizer nada mais do que o elemento branco de origem europeia” (LIMA, 1934), o que indica um incômodo, uma falsa consciência, em relação ao peso dessa palavra no contexto do período nazista e de tudo que havia sido revelado com a derrota do III Reich.

Uma diferença fundamental entre as duas edições é a presença da bibliografia na edição da Getúlio Costa. Aí estão os autores brasileiros, alguns com livros publicados depois da escrita do texto, 1924, e mesmo da primeira edição: Gilberto Freyre – a fonte para Dulce Maria Viana (VIANA, 1987, p. 355) da experiência do poeta com os escravos, ou seja, a fonte que esconde sua falta de vivência direta com os afrodescendentes e os africanos –, Caio Prado Jr – com *Evolução política do Brasil*, de 1933 –, Paulo Prado

– com *Retrato do Brasil*, 1928, e a *Paulística*, 2ª edição, 1934 –, Nina Rodrigues, Oliveira Viana, que vai atuar na criação de leis de imigração mais restritivas na década de 30, Artur Ramos, Sérgio Buarque de Holanda – com *Raízes do Brasil* que aparece sem data –, Fernando de Azevedo, Capistrano de Abreu, Alceu do Amoroso Lima, Roquete Pinto, Evaristo de Moraes. Entre os autores eugenistas estão, além dos franceses Georges Vacher de Lapouge e Gustave Le Bon: o americano Madison Grant, advogado, zoólogo e escritor nascido em New York em 1865 – morre em 1937 – com seu *The Passing of a Great Race*, de 1906 (aparece sem data na bibliografia), livro que também defende a superioridade do povo nórdico e a eliminação dos fracos ou incapacitados (vale lembrar que nos Estados Unidos as esterilizações voluntárias e/ou compulsórias vinham desde 1907). Seu texto era louvado pelos nazistas e por Hitler e foi editado na Alemanha com grande sucesso. Grant defendia uma política de imigração restritiva e leis antimiscigenação; o viajante, geólogo, zoólogo e eugenista inglês John Walter Gregory, que morreu em 1932 durante uma expedição aos Andes, no Peru, com *The Menace of Colour*, de 1925; Eugen Fischer, nascido em Karlsruhe em 1874, que era médico, antropólogo, um dos principais ideólogos eugenistas do nazismo, reitor da Universidade de Berlim de 1933 a 1935, antisemita. Dele, Jorge inclui *Rassenund Rassenentstehung beim Menschen (Raça e origem racial entre os humanos)*, de 1927, e *Die Rehobother Bastards und das Bastardierungsproblem bei Menschen (Os Rehobother bastardos e o problema do abastardamento entre os humanos)*, de 1913, livro que resulta de sua viagem de pesquisa em 1908 para a Namíbia, então ocupada pelo império alemão que lá promoveu um genocídio hoje reconhecido pelo governo da Alemanha. E, em uma edição organizada por Eugen Fischer e Georg Schwalbe, *Anthropologie*, de 1923, há um artigo do mais conhecido eugenista alemão, Alfred Ploetz, figura central no romance de Uwe Timm, *Ikarien*, de 2017: trata-se aí de reconstituir a vida de Ploetz (1860-1940) a partir dos depoimentos de seu amigo de juventude, logo depois da guerra, para responder à pergunta, posta pelo departamento de psicologia do Exército americano: como um jovem comunista que queria mudar o mundo se transforma no eugenista que trabalha para o III Reich?

Aparecem ainda Hermann Werner Siemen, *Théorie de l'Hérédité*, em francês e sem data – Siemen, nascido em 1891, era médico dermatologista e deu apoio à política eugenista nazista preconizando a esterilização dos “incapacitados” – e Hermann Muckermann, com *Rassenforschung und Volk der Zukunft*, de 1932 – biólogo, membro da Sociedade Alemã de Higiene Racial, Muckermann, de família católica, era jesuíta e, assim como Eugen Fischer, um dos responsáveis pela lei de 1933 que legalizava a esterilização (*Gesetz zur Verhütung erbkranken Nachwuchses*, Lei de Prevenção ao Nascimento de Filhos com doenças hereditárias). Cerca de 300 mil pessoas foram esterilizadas até 1945 na Alemanha. No primeiro número (janeiro de 1929) do *Boletim de Eugenia*, editado por Renato Kehl, órgão do Instituto Brasileiro de Eugenia, está publicada uma carta de Muckermann, diretor do Instituto de Eugenia de Berlim, agradecendo o artigo sobre o instituto e os livros e artigos enviados pelo eugenista brasileiro: “Entreguei tudo, em tempo, ao professor (Eugen) Fischer”. Artigos seus foram traduzidos em vários números do boletim, como, por exemplo, “Eugenia e Catolicismo”, nos números 3 e 4, de abril e maio, de 1929. Renato Kehl havia conhecido Muckermann e Fischer em visita de cinco meses à Alemanha no final dos anos 20 (WEGENER, 2011).

Aparece também o escritor antissemítico português Mário de Sá, com *A invasão dos judeus*, de 1924. O americano Roy Nasch, com *The Conquest of Brazil*, de 1926, que seria traduzido por Moacyr N. Vasconcelos e publicado na coleção Brasileira em 1939, pela Companhia Editora Nacional de São Paulo. O alemão Hermann von Ihering, que estudou em Giessen, Berlim e Göttingen, antes de chegar ao Brasil em 1880 e se tornar diretor do Museu Paulista em 1894, com *Civilização Pré-Histórica do Brasil Meridional*, de 1895, mas sem data e com título abreviado. A bibliografia é signo de uma certa conformação do campo intelectual da época, dominado pela ciência positivista que entrava no Brasil pelas faculdades de Medicina, de Direito, pelo Instituto Histórico e Geográfico, pelo Museu Nacional, (SCHWARCZ, 2007). Ciência da raça, da eugenia, da higiene, da modernização racionalizadora, da seleção social que procurava produzir um “povo” para uma nação que se inventava. O médico tinha um papel fundamental nessa “ação modernizadora”, expandindo sua ação do doente

para a sociedade, tornando-se antropólogo e cientista social (CORREA, 2013).

### Os prefácios

Hans Bayer, que assina o prefácio da primeira edição de *Rassenbildung*, começa seu texto fazendo o elogio do alemão do poeta brasileiro:

Um jovem médico brasileiro, Jorge de Lima, escreveu há dez anos – 1924 – este livro. Escreveu-o em alemão, tal como aparece hoje. Uma façanha notável se pensarmos que ele se apossou da língua alemã, com uma determinação ferrenha, apenas por meio de manuais. A língua alemã tornou-se necessária ao médico para o estudo da medicina. Para o homem e o poeta Jorge de Lima, no entanto, a língua alemã foi, como chave para o ser e a cultura alemães, uma experiência tão forte que ele resolveu escrever justamente nesta língua uma exposição do problema fundamental mais importante para o desenvolvimento do Brasil. (LIMA, 1934, p.5)

339

Sabemos pelo artigo escrito em 1949 para *A Manhã* que Jorge de Lima teve a ajuda, pelo menos, da sra. Francisca Vieira de Sinimbu de Albuquerque Maranhão no estudo da língua alemã, mas a destreza na escrita e sua relação com a cultura alemã serão ressaltados nos três prefácios. O segundo parágrafo introduz o tema da miscigenação de raças e “sua influência para o desenvolvimento do país”, assim como a crítica às profecias pessimistas de cientistas estrangeiros sobre o Brasil para concluir: “E como ele queria promover na Alemanha e entre os alemães do Brasil um melhor entendimento do problema de seu país, escreveu seu livro em alemão”. No terceiro, Bayer aproxima a importância dada por Jorge de Lima a uma política racial consciente à institucionalização de uma política racista pela Alemanha dez anos depois:

Só esta demonstração de inclinação séria para a germanidade (*deutsche Volkstum*) deveria bastar para tornar o livro notável, se já não o fosse pelo fato de nele estar reconhecida e louvada a importância de uma política racial consciente para o futuro de um povo, quase dez anos antes de o nacional socialismo ter elevado, na Alemanha, a política racial a uma política de Estado.

Bayer destaca então o argumento da “entrada o mais possível extensa do valioso sangue ariano”, ou seja, da imigração europeia, que dará no longo prazo “um evidente caráter ariano à raça brasileira do futuro”. Não

deixa ainda de destacar que o autor aponta já nos primeiros elementos que chegaram ao Brasil a presença de “arianos de origem”, descendentes de arianos alemães, motivo mais elaborado no prefácio não aproveitado escrito em 1927 por Ludwig Schwennhagen. Em seguida, o representante da agência de notícias do III Reich lembra que quando escreveu o livro, em 1924 – tanto ele quanto Otto Schneider afirmam que o livro foi escrito neste ano – Jorge de Lima era apenas um jovem médico do norte:

Hoje, quando o publica, seu texto ganha ainda mais significado como demonstração de simpatia porque, agora, fala não apenas um jovem médico brasileiro e, sim, uma personalidade líder na vida espiritual brasileira e na jovem poesia do Brasil.

Para terminar, assinala a influência incomum da cultura francesa sobre a literatura brasileira para afirmar que a nova geração procura se libertar da influência estrangeira: “Jorge de Lima é hoje o porta voz de uma geração brasileira jovem e consciente que através dele apela, junto a uma Alemanha jovem e nova, à compreensão dos problemas e do futuro de seu país”. Quem assina o prefácio da segunda edição é o tradutor, jornalista e radialista Otto Schneider. Ele começa seu texto de oito parágrafos, datado de março de 1951, Rio, com o elogio de Jorge de Lima:

A literatura brasileira contemporânea, cuja história é tão rica em fortes personalidades poéticas, produziu poucas vezes um talento tão multifacetado como Jorge de Lima. Médico de profissão, romancista, jornalista, além de pintor e escultor nas horas vagas, e, acima de tudo, poeta de uma potência criadora extraordinária e gênio original, Jorge de Lima assume na literatura brasileira uma posição muito singular. (apud LIMA, 1951, p.5)

No segundo, louva o amplo leque de interesses do poeta e introduz o tema da “questão racial” para no parágrafo seguinte afirmar que com os novos dados a tese de Jorge de Lima estaria comprovada:

Só poucos sabem que já em 1924 o jovem médico tinha escrito uma tese – e na verdade em alemão – em que, tendo à mão dados ainda incompletos à disposição na época, indicava as linhas básicas do desenvolvimento racial brasileiro. As estatísticas dos censos posteriores lhe deram razão: a predominância lenta, mas constante e progressiva, do elemento branco no desenvolvimento racial brasileiro é um fato não mais passível de polêmica.

Destaca a seguir os dois objetivos do autor: o interesse científico e o empenho em esclarecer falsas conclusões sobre a “formação racial do brasileiro”. No quinto parágrafo, Schneider explica a crítica de Jorge de Lima a Georges Vacher de Lapouge e sua contestação da “incapacidade de desenvolvimento” do país: “Hoje os novos dados dos últimos censos dão razão a ele – certamente um extraordinário desagravo para o corajoso escritor que ousou abordar o delicado problema e prever seu desenvolvimento de maneira geral”. Os três últimos parágrafos insistem na tese de que os novos censos “comprovam seu ponto de vista científico” construído com “absoluta objetividade”. Mas é a última frase que deixa clara a posição otimista em relação à miscigenação ao associar o “grande futuro” à formação heterogênea de sua gente indo do “apesar” ao “talvez justamente por causa”:

A nova edição da tese inclui dados atuais que lhe aumentam o valor e cumprem ainda melhor sua finalidade: formular a questão racial brasileira, principalmente para os estrangeiros, de maneira clara e compreensível e, além disso, mostrar que o Brasil, apesar – ou talvez justamente por causa de sua formação racial heterogênea, pode vislumbrar um grande futuro adiante.

341

O mais curioso dos prefácios ao texto de Jorge de Lima é justamente aquele que não saiu e foi escrito por Ludwig Schwennhagen, personagem não menos curioso que andou pelo Brasil nas duas primeiras décadas do século XX e publicou, pela Imprensa Oficial do Piauí, em 1928, a *Antiga História do Brasil*. O texto, encontrado entre os papéis de Jorge de Lima no Arquivo Museu de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa, batido à máquina com tinta azul, junto com um envelope que tem o nome e o endereço de Jorge de Lima, à esquerda, no alto, e, escrito à mão, no centro, *Prefácio Schwennhagen*, está datado de 25 de fevereiro de 1927, Natal, Rio Grande do Norte, e tem como título *Einige einleitende Bemerkungen*, (*Algumas observações preliminares*). Desse texto, aparece um fragmento na contracapa de *Salomão e as mulheres*, 1927, junto com a expressão *DO MESMO AUTOR A SAHIR*, em caixa alta, o que não aconteceu. É o escritor Moacir C. Lopes que, na apresentação da edição de 1970, da *Antiga História do Brasil (de 1100 a.C. a 1500 d.C.)*, pela editora Cátedra, dá

alguma informação sobre Schwennhagen que havia ficado na mente dos moradores de Teresina da época:

Por aqui passou um alemão calmo e grandalhão que ensinava História e bebia cachaça nas horas de folga, andava estudando umas ruínas no estado do Piauí, e que chegou a Teresina no primeiro quartel deste século, não se sabe de onde e morreu sem deixar rastro, não se sabe de quê, e andava rabiscando uns manuscritos sobre a origem da raça tupi, lendo tudo o que era pedra espalhada por aí. Seu nome era tão complicado que muitos o chamavam Chovenágua. (SCHWENNHAGEN, 2008, p. 10)

342

Sabe-se que Schwennhagen fez uma conferência em Manaus, juntamente com Luciano Pereira da Silva, intitulada *Meios de melhorar a situação e a moral da população do interior do Amazonas*, publicada em 1910, pela Tipografia L. Aguiar, assim como publicou artigos em jornais de Natal: “O primeiro descobrimento do Brasil em 1100 a.C.”, no jornal *O Seridonense*, de 23 de julho de 1926; “As inscrições da Pedra Lavrada e as riquezas minerais da serra da Coruja”, 11 de janeiro de 1927; “Touros e Extremoz, as Antigas Estações Marítimas do Extremo Nordeste Brasileiro”, 10 de fevereiro de 1927, “As estações das antigas estradas que atravessaram o Rio Grande do Norte”, 12 de março de 1927 e “As inscrições petroglíficas do Jardim do Seridó”, de 18 de janeiro de 1931, todos em *A República*, de Natal, o mesmo jornal em que Mário de Andrade publica, em 27 de janeiro de 1929, a crônica “Chico Antônio”, escrita na mesma cidade e na época em que o misterioso etnólogo austríaco estava por perto. Nos artigos, assim como no livro, Schwennhagen desenvolve a tese da presença dos fenícios no Brasil cerca de mil anos antes de Cristo. Não sabemos por que Jorge de Lima desistiu do prefácio de Schwennhagen, nem como entrou em contato com ele.

As observações preliminares começam com o elogio do autor: “O trabalho que ora se apresenta sobre a brasilidade (*brasilianische Volkstum*) que o honrado autor me confiou antes da impressão para uma rápida olhadela, surpreendeu-me imediatamente por seu excelente estilo”. E o elogio do domínio do alemão:

E o que mais surpreende é que o autor aprendeu o alemão sem professor, sozinho e contando com seu próprio esforço. O dr. Jorge de Lima provou desta forma a seus concidadãos brasileiros que o aprendizado do alemão não é de maneira

alguma uma tarefa tão difícil, como os brasileiros educados em geral acreditam.

Depois de algumas considerações sobre o estilo, a clareza e a compreensibilidade, Schwennhagen aponta o objetivo do texto de Jorge de Lima: “O senhor Jorge de Lima deseja com seu trabalho esclarecer os alemães brasileiros e os alemães educados sobre as parcelas que conformam o povo da Nação brasileira”. Esclarecer, pois havia muitas “considerações erradas” (*irrtümliche Ansichten*) tanto no Brasil, quanto na Europa sobre o tema: “Dizer que os brasileiros são latino-americanos é tão contrário à história, quanto falar, como o fazem certos adversários, de uma raça misturada de índios, europeus e africanos”. E aqui o professor austríaco entra em seu território, qual seja, a vinda de fenícios, cartaginenses, hebreus, egípcios, ao Brasil cerca de mil anos antes de Cristo, tema desenvolvido em seus artigos de jornal e no livro publicado em 1928 em Teresina, *Antiga História do Brasil* e que aparece no segundo capítulo de *Salomão e as mulheres*, diálogo entre Fernando e Padre Josué (LIMA, 2006). Das cinco páginas e meia datilografadas em tinta azul, quatro são dedicadas a mostrar como nem os brasileiros, nem os portugueses, nem os franceses são latinos e sim o resultado de misturas com celtas, germanos, romanos, hebreus, árabes, pelasgos, sendo estes últimos habitantes de todas as regiões do Mediterrâneo, inclusive de Atlântida: “Em partes do país basco, nas encostas do sul dos Pirineus vivem ainda hoje esses pelasgos e falam ainda a antiga língua que apresenta muita semelhança com a língua tupi do Brasil”.

343

Parte desse argumento, também apresentado por J. W. Gregory em *The Menace of Colour*, de 1925, que está na bibliografia da edição de 1951, serve a Jorge de Lima para, desde o segundo capítulo, garantir uma sólida base germânica, ariana, para a formação do povo brasileiro. Vem então a história de Atlântida:

No início do segundo milênio antes de Cristo, no tempo das inundações que mergulhou o Império de Atlântida nas profundezas do oceano, fugiu uma parte da população para a costa sudoeste da península ibérica. Lá fundou dois estados: o reino dos Atlântidas, cuja capital era Gades, que dominava a entrada para o Mediterrâneo, e o reino dos tartésios que construíram sua capital na foz do rio Betis e de lá se dirigiram para a costa atlântica. Estes atlântidas se misturaram ao longo de muitos séculos com os iberos, de quem já eram parentes pela língua e pela tribo.

É por volta do ano mil a.C., conta o professor, que os lusitanos, de origem celta, deixam a Aquitânia, no sudoeste da França, para ocupar a Ibéria, liderados por seus druidas, ocupando assim quase toda a península. Na parte oeste, foi fundada a nação lusitana a partir dos iberos, dos atlântidas e dos celtas. O argumento de Schwennhagen para contar a história dos lusitanos, que resistiram aos romanos durante 180 anos, é o mesmo que sustenta a tese da seleção e do embranquecimento: “Os lusitanos não se deixaram romanizar, nem germanizar, nem arabizar. Acolhiam algumas parcelas de povos estrangeiros, mas não perdiam seu caráter de povo”. Todo esse percurso pela história da formação do povo português serve a Schwennhagen para mostrar o quanto é infundada a tese de que o brasileiro é de raça latina e que até mesmo a língua portuguesa, latina, seria para muitos uma “língua emprestada”: “Por isso, não acho impossível que em pouco tempo a língua tupi seja introduzida como matéria nas escolas públicas do Brasil”. Retorna então ao texto de Jorge de Lima:

344

Depois dessas observações preliminares, desejo apenas de coração que o presente texto encontre muitos leitores atentos entre os alemães cultos. Seria de extrema utilidade que a compreensão mútua entre brasileiros e alemães fosse cada vez mais bem concebida.

### **A paz armada sanitária**

Uma outra peça importante desse quebra-cabeças é a tese que Jorge de Lima escreveu em 1914 para seu doutoramento, orientada por Afrânio Peixoto, titular da cátedra de Medicina Legal e Higiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro desde 1906. O tema da tese, o destino higiênico do lixo no Rio de Janeiro, teria sido sugerido pelo orientador (POVINA CAVALCANTI, 1969, p. 46) a quem Jorge de Lima dedicaria seus *XIV Alexandrinos* que saíram no mesmo ano de seu doutoramento: “A Afrânio Peixoto, a quem devo o melhor incentivo para a presente publicação, a cujos alexandrinos bem lhes bastava o bom acolhimento dos jornais e revistas que os publicaram ou transcreveram”. Baiano de Lençóis, Afrânio havia se formado em 1897 com uma tese, *Epilepsia e Crime*, orientada por Nina Rodrigues. Apesar de não aparecer na bibliografia de *Rassenbildung*,

Afrânio comungava das mesmas ideias que sustentam a teoria do embranquecimento, oscilando também entre a simpatia e o preconceito, como se pode ver em seu *Minha Terra, Minha Gente*, publicado em 1916:

Já não existem africanos puro sangue; os negros e mulatos nacionais vão se cruzando entre si e com os brancos: calcula-se que em mais três outros séculos eles tenham desaparecido nas diluições sucessivas de sangue branco, depurado o Brasil do sangue negro que lhe impuseram. (PEIXOTO, 1916, p. 219)

Depois de condenar o “comércio infame” e de lembrar que a escravidão vinha de longe – “Todos os países antigos tiveram escravos” – Afrânio Peixoto define os africanos “que nos fizeram o Brasil colonial”:

Era uma raça inferior, de certo, melhor, porém, que a indígena, e, no momento, a única à qual a raça branca, pouco numerosa, podia recorrer, para a conquista e posse do Brasil: devia-se-lhe, portanto, menos barbaridade no trato, mais gratidão pelos benefícios, e de vez, cessado o tráfico, abolida a escravidão, instituir-se o trabalho livre e depurar-se a gente e os costumes de quatro séculos de promiscuidade com a África. (PEIXOTO, 1916, p. 120)

345

O livro, que traz o mapa da América do Sul e o Brasil em destaque com as cores e motivos da bandeira nacional e um verso de Camões – “Esta é a ditosa pátria minha amada” –, procurava dizer às “crianças de sua terra” “as verdades necessárias” e “sobre os problemas essenciais de nossa nacionalidade” (PEIXOTO, 1916).

Presidente da Academia Brasileira de Letras, autor de sete romances, de 1911 a 1929, e membro da Sociedade Eugênica de São Paulo, Afrânio definia a higiene como “um conjunto de preceitos [...] tendentes a cuidar da saúde e poupar a vida” que “sofreu, incluída na medicina, todas as vicissitudes dos conhecimentos médicos, atingindo a independência como corpo de doutrina à parte, desde o meado do século pasado” (PEIXOTO, 1926, p. 7). Na defesa do investimento em saneamento, menciona a ideia da guerra que vai reaparecer na tese de seu aluno: “E depois não custará nada, porque em vez dessa *paz armada sanitária*, na qual vivemos, para impedir ou debelar as infecções, importadas ou autóctones, teremos obtido, pelo saneamento, a segurança e a economia. Delas virá a alegria contínua de viver” (PEIXOTO, 1926, p. 15).

Carlos Povina Cavalcanti, amigo, cunhado e biógrafo de Jorge de Lima, conta o quão importante foi esse ano de 1914 para o poeta: “A

atividade de Jorge, nesse ano de seu doutoramento, foi intensa. O menino de Madalena parecia atingir seu zênite, a culminância de todas as suas ambições” (POVINA CAVALCANTI, 1969, p. 47). Madalena foi um dos nomes de União dos Palmares, terra natal de Jorge de Lima e de seu biógrafo, cidade da Zona da Mata alagoana que teve como primeiro nome Cerca Real do Macaco, onde prosperou o Quilombo dos Palmares, das últimas décadas do século XVI até fins do século XVII. Essa paisagem formada pela Serra da Barriga, pelo rio Mundaú, pela Serra dos Macacos, pela planície do Jatobá e pelos campos da Terra-Cavada povoa a poesia nordestina do menino de Madalena dos anos 20, assim como o fantasma de Zumbi e os “negros fugidos”. E aparece descrita no primeiro capítulo de *Calunga* em que Lula, o personagem principal, faz a viagem de retorno à sua terra natal, desde Recife:

A serra da Barriga pegou a azular. Lula Bernardo via bem a serra de Zumbi, a tragédia do herói negro, o pessoal dos quilombos cantando *ê-bango-ê-bango*, que daria mais tarde origem à palavra bangüê, o engenho primitivo em que os escravos gemiam no eito, sem a máquina pejar nenhum momento. Depois a libertação, o refúgio na serra, o refúgio na morte *ê-bango-ê-bango-caxinguelê-tango-arirá-tango-arirá-ê*.

346

Viagem de trem que também está tematizada no poema “GWBR”, dos *Poemas*, de 1927.

Jorge de Lima começa sua tese com um prefácio intitulado “Antes do assunto” e que tem como subtítulo, “Considerações gerais à margem da filosofia e da história. Coisas que nos dizem respeito”. Sua primeira frase introduz o tema da guerra: “Foi sempre lição corrente que das guerras resultam, sem ressalvas, vencidos e destroços que se não forem destruídos ou afastados causam um sem conto de penas para quem continua na porfia da luta. A guerra é a grande lei natural”. A referência a Darwin e a Le Dantec, biólogo que trabalhou com Pasteur e foi por ele enviado ao Brasil em 1891 para investigar a febre amarela, introduz a ideia da luta e da sobrevivência, ou seja, da seleção natural: “Nesse item, o sábio da Sorbonne e outros que tais presumem em tudo inimigos a vencer, e nesse jeito, a visão do combate apegam-se até às mais useiras e comezinhas funções e atos da vida doméstica”. O resultado dessa guerra disseminada e generalizada, os “destroços dessa batalha diária terminam em caixas de coleta – são os

resíduos da vida doméstica – o lixo”. Vale lembrar que o tema da guerra voltaria em *Anchieta* que, mais do que só uma biografia do jesuíta, é um elogio à guerra de conquista. O que fica, então, dessas considerações gerais que vêm “antes do assunto”, ou seja, da fundamentação da tese, é a ideia de guerra como lei natural, guerra contra os resíduos, os dejetos, as excreções que ameaçam uma vida saudável, limpa. O mesmo gesto presente na ação dos jesuítas, a limpeza da sujeira dos indígenas, e na análise da formação racial, o embranquecimento da população.

Em seguida, o autor condensa seu tema:

Para irmos de vez ao fio do assunto, inferimos à guisa de corolário do que foi dito que desde os seres unicelulares aos pluricelulares, de todo o conjunto de suas atividades vitais resultam excreções, dejetos, resíduos que acumulados ameaçam-lhe a existência.

Faz então um breve histórico da procura dos primeiros agrupamentos humanos por lugares perto dos rios e dos mares para chegar à melhor maneira de tratamento do lixo, a incineração. Não sem antes lembrar que desde Plínio se reaproveitavam os dejetos para adubar a terra da lavoura, mas que agora é mais barato a utilização de adubos químicos. O prefácio termina então com um alerta: em Hamburgo foi uma epidemia de cólera, em 1892, que levou as autoridades a incinerar o lixo: “Que o nosso governo nunca precise de tão tremendo flagelo para remover uma antigualha”.

347

No primeiro capítulo, aparece este personagem da modernidade que é o trapeiro, estudado por Benjamin no poema *Le vin des chiffonniers* (*O vinho dos trapeiros*) de Baudelaire: “O trapeiro fascinou a sua época. Os olhares dos primeiros investigadores do pauperismo recaíam sobre ele com a pergunta muda: Até onde irão os limites da miséria humana?” (BENJAMIN, 2015). O mesmo personagem, definido por Baudelaire em seu poema como “*vomissement confus de l’énorme Paris*” (“*vômito escuro da enorme Paris*”), que Benjamin reivindica em um fragmento (NIa) de *Passagenwerk* (*Passagens*): “Os farrapos (*die Lumpen*), os resíduos: não quero inventariá-los e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os” (BENJAMIN, 2006, p. 502). Em Jorge de Lima, ele está articulado à ralé: “[...] o trapeiro cauteloso retira o que a burguesia enjeita, para a satisfação pequena das ambições comedidas dos bairros da ralé”. A

ralé, o vulgo, a plebe, o povo, a populaça, surgem em diferentes momentos da tese, num movimento ambíguo de aproximação e distanciamento, como objeto de uma “instrução higiênica”.

O cuidado, ou a falta de cuidado, com o lixo e sua coleta em recipientes adequados são os objetos dos capítulos seguintes, “Recipientes”, “Veículos coletores” e “Coleta Higiênica”. E na abertura deste último surgem as ameaças, os inimigos a serem combatidos, vazadas em um estilo que mais tarde, 1943, Jorge irá reprovar em Euclides da Cunha como logomaquia complicada:

No que deixamos dito, discreteamos o aresto primaz deste argumento: o conteúdo dos recipientes, seu transvasamento para os veículos e transporte consecutivos, devem ser absconsos às nossas vistas. As cinco derivantes do oposto, sobre nos serem desagradáveis, constituem ademais um perigo ameaçador. (LIMA, [1924])

Mais à frente, ao tratar das moscas, das pulgas e dos ratos, Jorge, então com 22 anos, poeta dos quatorze sonetos alexandrinos – o primeiro dos quais traz uma epígrafe de Euclides da Cunha –, escreve:

Ao cabo de tudo isto, a todos chega cedo o alquebre, se não o desafuzar na extinção da terrível epizootia murina, com a inópia indecifrável do Serviço de Limpeza Pública e com uma Sapucaia fértil de ratos, e em comunicação com as outras ilhas da Baía de Guanabara. (LIMA, [1924])

348

Esse estilo que de alguma forma está em *Salomão e as mulheres*, no *Livro de Sonetos*, em *Invenção de Orfeu*, foi classificado por Sérgio Buarque de Holanda em artigo no *Diário Carioca* – “Motivos de Proteu” – em 10 de dezembro de 1952, como “elefantíase verbal”. A par com essa escrita finissecular, Jorge de Lima operava também com um estilo modernista, de linguagem coloquial e de métrica popular, como em *Anchieta* e *Vidinha*, para ficar em dois exemplos.

A Ilha de Sapucaia, que volta a aparecer no texto no capítulo segundo (“Dos diversos destinos dados ao lixo”), era uma das ilhas que integravam um arquipélago na Baía de Guanabara; entre 1949 e 1952, elas são aterradas para formar uma única ilha. Assim, desapareceram não só Sapucaia, onde se jogava o lixo na época em que Jorge de Lima trabalhou sua tese, mas também a ilha do Bom Jesus, Pindaí do França, Pindaí do Ferreira, do Catalão, das Cabras, do Baiacu e a Ilha do Fundão, que deu

nome à grande ilha que resultou dos aterros e onde hoje está localizada a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Voltando ao tema do “desempeço dos excretos, resíduos etc.”, o autor mostra então o desacerto no lançamento do lixo no mar:

O lixo, arremessado ao mar, à ilharga da Sapucaia, em direção à Ilha do Bom Jesus, pelo correr dos tempos, de superposição em superposição, repontou um dia à flor das águas, em dunas indecisas, friáveis, esparsas, rareadas e elevou-se depois pela *colmatage* contínua das novas porções sempre acrescidas; e fixou-se; e consolidou-se; e criou uma forma hidrográfica adventícia, de extensão considerável e de alguns metros acima do mar.

O resultado desse procedimento, alerta o autor, é um “mau cheiro insuportável” que chegava até os bairros onde viviam as classes dominantes na época, Botafogo, por exemplo: “Quem quer que defronte a ilha de Sapucaia, antolham-se-lhe cousas que lhes absorvem o pasmo”, anota para, em seguida, descrever o ambiente num ritmo que se desdobra na passagem para a poesia (alguns sintagmas formam decassílabos heroicos, outros versos alexandrinos):

349

Catervas adensadas de urubus sarjam a limpidez dos areis saluginosos, disputam a carniça cobiçada completamente familiarizados com o homem; e é de vê-los acompanhar astutamente o batelão do transporte, por vezes, desde as pontes de descarga, saboreando d’antemão os bocados prediletos das podridões iniciadas. [...] Ajunte-se a isto: densas nuvens de moscas e uma população formidável de ratos e se terá apenas um escorço sem vida, do que existe em uma das baías mais belas do mundo, digna dos cuidados de quem toma responsabilidades e deve satisfazê-las.

O autor apresenta então todos os inconvenientes do aproveitamento do lixo na agricultura para chegar à incineração, praticada pela primeira vez em Londres por volta de 1870. Conclui, por fim, desejando que o serviço de limpeza pública “capriche em seguir à risca o progresso do estrangeiro, visto que não mente, nem diz cousa nova, quem escreve esta verdade simples: o melhor destino do lixo no Rio de Janeiro é a incineração porque é higiênica, econômica e elegante”. Pouco antes, já havia criticado o fato do lixo não ser “absconso às nossas vistas” (LIMA, [1924], p.13), articulando higiene, decoro, elegância e raciocínio econômico: “Peca portanto o nosso Serviço de Limpeza: totalmente contra a higiene; profundamente contra

todo raciocínio econômico; muito contra o decoro e a elegância; um tanto contra a mais perfeita das nossas belezas naturais” (LIMA, [1924]).

### Os leitores de *Rassenbildung*

Entre os leitores alemães do texto publicado em 1934 está Johann von Leers que escreveu um artigo sobre “*O problema da raça na literatura latino-americana*” (“*Das Rassenproblem in der lateinamerikanischen Literatur*”) para a *Deutsche Medizinische Wochenzeitschrift (Revista Semanal de Medicina)*, datado de 14 de maio de 1937. Nascido em 1902 no norte de Alemanha, von Leers estudou Direito em Kiel, Rostock e Berlim. Entrou no partido nazista em 1929 e em 1936 para a SS. Trabalhou com Goebbels, deu inúmeras conferências e publicou artigos em jornais sobre temas raciais e antissemitas. Afastou-se então de Goebbels ligando-se a Richard Walther Darré, o *Reichsbauernführer* (ministro da Agricultura), um dos mais proeminentes representantes do *Blut und Boden*, e a Heinrich Himmler, líder das SS. Apesar de apenas citar de passagem o livro de Jorge de Lima, Leers é um bom exemplo do alcance do trabalho de divulgação realizado pelo *Landesbauernführer* da Renânia, Hans Kramer, como visto acima nas cartas de Ildefonso Falcão. Leers escrevia tanto para o jornal da SS, *SS-Leitheft*, como para a revista do *Reichsnährstandes*, *Odal, Monatschrift für Blut und Boden*.

350

Desde 1936, docente do centro de pesquisas raciais da Universidade de Jena, o publicista foi preso em 1945 em Darmstadt, na zona de ocupação americana, mas fugiu em 1946 e viveu com nome falso, Hans Euler, na região de Bonn, zona de ocupação britânica, até conseguir escapar para a Argentina em 1950. Depois da queda de Perón e do fechamento do jornal nazista *Der Weg*, deixou Buenos Aires, onde colaborou com uma rede de ajuda a nazistas em fuga, e foi para o Egito.

Seu artigo está centrado na mistura de “raças” na América. Fala da diversidade dos índios, da imigração europeia e, num raciocínio parecido ao de Jorge de Lima, faz o elogio da Costa Rica, povoada por imigrantes provenientes da Galícia, exatamente o lugar da Espanha onde “o impacto do sangue germânico é forte”. Ao tratar do Brasil, uma das repúblicas com

maior presença de negros, lembra que os brancos têm mais filhos e vão logo superar os negros:

Com razão, embora haja algum exagero, cientistas sul-americanos já haviam chamado a atenção – por exemplo, o brasileiro Jorge de Lima (*Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien*, Leipzig, 1934) – para o processo de arianização da América do Sul.

Morreu em 1965, depois de trabalhar para o Departamento de Informação do Egito e se converter ao Islã. Chamava-se então Omar Amin.

Roger Bastide, já nos anos 40, comparando as gerações de Castro Alves, Cassiano Ricardo e Jorge de Lima em “A incorporação da poesia africana à poesia brasileira” (BASTIDE, 1997), percebe o problema entre a atração e a recusa na poesia negra desse último e contrapõe o médico ao poeta: “Tomando apenas alguns exemplos, o trágico de Jorge de Lima tem algo do remorso do assassino” (BASTIDE, 1997). E vem, então, a leitura de *Rassenbildung*:

Após haver sustentado que o elemento africano estava fadado a desaparecer, que o Brasil caminhava para uma arianização e um ‘embranquecimento’ progressivo do sangue, após haver sustentado uma política racial que intensificava a obra de seleção pelo desaparecimento dos mais escuros, o poeta se revolta contra o médico que redige um atestado de óbito e escreve: ‘Os netos de teus mulatos e de teus cafuzos / e a quarta e a quinta gerações de teu sangue sofredor / tentarão apagar a tua cor! / E as gerações dessas gerações quando apagarem / a tatuagem execranda, / não apagarão de suas almas, a tua alma, negro!’ (BASTIDE, 1997, p. 47-48)

351

É interessante como essa oposição do poeta ao médico é poeticamente trabalhada em “O primeiro dos Quatorze”, o primeiro soneto dos *XIV Alexandrinos*, que tem uma epígrafe de Euclides da Cunha contrapondo “o poeta que espiritualiza a realidade” ao “naturalista que tateia o mistério”. No fechamento do soneto, temos: “Nem Porvir, nem ninguém, cousa alguma desliga / A Ciência que sonha e o verso que investiga” (LIMA, 1997, p. 191). Ou seja, sua obra começa sob esse signo duplo do poeta e do médico, redobrado pelos qualificativos que exacerbam sua pretensa diferença: a ciência que sonha, em termos euclidianos, que tateia o mistério, e o verso que investiga ou que espiritualiza a realidade.

Antonio Rangel Bandeira em seu estudo sobre Jorge de Lima, *O roteiro de uma contradição*, chama logo a atenção para “um dos aspectos mais estranhos de sua obra: sua posição diante da questão racial”

(BANDEIRA, 1959, p. 43). Segundo ele, em “Serra da Barriga”, o poeta não mostra simpatia pelo que acontece com Zumbi, ao contrário, “fica-se com a impressão de que o poeta ‘vê’ Zumbi com os olhos da Casa-Grande” (BANDEIRA, 1959, p. 43). Bandeira não cita o poema publicado em 14 de agosto de 1921, no jornal *O Estado de Alagoas*: “Em meu torrão natal – Imperatriz –, / nas serras da Barriga e da Juçara, / um homem negro, muito negro, quis / mostrar ao mundo que tinha alma clara” (LIMA, 1997, p. 184). Faz apenas referência à desconfiança e ao desagrado de Nestor Vitor – “rir apenas de Zumbi [...] não é cousa de bom gosto” (VÍTOR, 1973, p. 400) – para, mais à frente, depois de elogiar “Essa Negra Fulô”, apontar novamente o aspecto estranho:

Jorge de Lima foi bem descendente dos senhores da Casa-Grande: tratou Zumbi com laivos de preconceito, mas as negras e mulatas estas olhou-as com olhos cobiçosos. [...] No entanto, a atitude morna, a frieza total de Jorge de Lima em relação a Zumbi não foi senão uma das manifestações do conflito racial existente em sua obra. (BANDEIRA, 1959, p. 49)

352

Mas é na leitura de *Dois Ensaios*, ou melhor, do segundo deles, *Todos cantam sua terra*, escritos por Jorge de Lima em 1927 para o concurso de Literatura Brasileira do Ginásio do Estado de Alagoas, que Bandeira encontra a razão da poesia afro-brasileira de Jorge de Lima ser “tão fria”. Aí aparece “o problema negro” e a comparação com o “problema judeu” na Alemanha. Cita Bandeira o trecho de *Todos cantam sua terra*: “O perigo da indefinição deveria amedrontar-nos tanto quanto amedronta o alemão de hoje quase afogado pelo judeu. As melhores forças da Alemanha clamam por seu nacionalismo”, para lembrar que “as melhores forças da Alemanha a que o ensaísta se referia, eram o germe das milícias nazistas, que terminaram por lançar milhões de judeus nos fornos crematórios” (BANDEIRA, 1959, p.55). Surpreso com a “contradição” entre o poeta “autor dos mais belos poemas do temário afro-brasileiro” e o ensaísta que escrevia “monstruosidades”, Bandeira se refere a *Rassenbildung*:

Acreditamos que tais ideias tenham sido melhormente desenvolvidas por Jorge de Lima no ensaio por ele escrito em alemão e publicado em Leipzig, em 1934, já na vigência do regime nazista: *Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien*. Quem o leu, responda. (BANDEIRA, 1959, p 56)

Ao contrário de Bandeira, Câmara Cascudo, que havia viajado pela África em 1963, financiado pelos Diários Associados, para aprofundar sua pesquisa sobre alimentação, leu o texto e gostou:

Como o português não isolou, não enquistou, não fixou o preto, esse sentiu-se brasileiro, indo buscar mulher e ganho onde quisesse, multiplicando as esculturas em chocolate e sapoti, cortando-o-sangue, clareando-o-amor, dispersando-se nas gradações do pigmento. O saudoso Jorge de Lima expôs excelentemente esse assunto em seu *Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien* (Leipzig, 1934). (CASCUDO, 2001, p. 49)

A teoria do embranquecimento aparece incólume ainda nos anos 60 formulada por um historiador comprometido com os estudos de cultura popular, formado pela Faculdade de Direito de Recife, com passagem pela Faculdade de Medicina da Bahia e pela Ação Integralista de Plínio Salgado. Um dos livros que resultou da viagem, *Made in Africa*, tem uma epígrafe de Leo Frobenius, etnólogo alemão:

UnserAfrika... Nossa África, expressão que denuncia, para além do afeto, a posse do conquistador, o eurocentrismo naturalizado, o traço racista de sua formação: O critério popular europeu, levado ao continente americano, lindava o Preto numa apreciação reduzida, decorrente da própria espécie de sua colaboração, escrava, servil, submissa.

353

Para Cascudo, que “seguia de perto o conselho de Roquete-Pinto, – *Não discuto. Verifico*” e assim verificou que os escravizados colaboravam com os senhores, “a culpa fue del tiempo”. O historiador se aproxima e se distancia de seu objeto – “Brasil n’África e África no Brasil” – acreditando ter “os olhos limpos da sedução doutrinária”, como escreve no prefácio datado de julho de 1964, quatro meses após o Golpe Civil-Militar.

Maria Graciema Aché de Andrade dedica uma parte de sua tese – *A invenção do ritmo em Jorge de Lima* – a esse “trabalho muito pouco conhecido pela crítica brasileira” de “tema delicado” tratado a partir de “um ponto de vista racista”. Lembra sua filiação às ideias de Gilberto Freyre, mas aponta, principalmente, o *Tratado de Versificação*, de 1902, de Clóvis Bevilacqua, transcrito por Olavo Bilac e Guimarães Passos, como sua origem. Andrade cita alguns trechos do texto, faz referência à segunda edição, de 1951, e mesmo ao artigo de 1949 em que Jorge de Lima se mostra arrependido de ter escrito um livro “errado sobre raça”. Segundo ela,

*Rassenbildung* seria o início de sua pesquisa “sobre o encontro de raças” que se desdobraria no estudo do catolicismo e da catequese, por um lado, e da cultura negra, por outro. Andrade ressalta o clima revolucionário da época, com a atividade dos modernistas, dos jovens tenentes, a fundação do Partido Comunista Brasileiro, a “guinada católica” com a fundação do Centro Dom Vital por Jackson de Figueiredo.

Daniel Galydson Ribeiro faz a genealogia da ilha em Jorge de Lima, partindo de *Invenção de Orfeu* e de *Tempo e Eternidade* para chegar ao primeiro capítulo de *Rassenbildung*, ao Arquibrasil, à ilha que talvez fosse o que antiguidade chamava de Atlântida, e ao segundo, onde se encontravam os nativos da ilha:

Encontram-se então nesse livreto as primeiras palavras de Jorge de Lima sobre os nativos da ilha, um lugar nada hospitaleiro para abrigá-las, por se tratar de obra científica em que o ‘*Doktor der Medizin*’ se mostra partidário do darwinismo social e das ideias eugenistas de Oliveira Vianna, Georges Vacher de Lapouge, etc, defendendo por conseguinte o ‘embranchamento’ gradual da população brasileira como processo natural.

354

Ribeiro faz menção à aparição do texto na contracapa de *Salomão e as mulheres* e ao artigo em que o poeta ataca Euclides da Cunha de 1943 – que ele havia louvado no ensaio de 1927 – para concluir que o texto “é um enigma na obra de Jorge de Lima”. A palavra enigma, me parece, é apenas a maneira de lidar com a “contradição” entre o poeta dos mais belos versos de tema afro-brasileiro e o ensaísta que escrevia “monstruosidades”, como exprimia em seu espanto Rangel Bandeira. Jorge de Lima, e esse é o ponto, não era nem um enigma nem uma contradição, era o médico e o “monstro”, um homem (da elite) do seu tempo (ou seja, do nosso), formado pelas teorias racistas e pelo cristianismo que justificavam a dominação do branco europeu sobre os outros cobrindo-a com a capa da cordialidade. Monstro tanto como aquele que exacerba sua singularidade, que é extraordinário, fora da natureza, infamiliar, quanto como aquele que assinala, que mostra, que indica o traço, o caráter da elite brasileira.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Antonio Rangel. *Jorge de Lima: O roteiro de uma contradição*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

BASTIDE, Roger. “Incorporação da Poesia Africana à Poesia Brasileira”. In: \_\_\_\_\_. *Poetas do Brasil*. Organização e notas Augusto Massi. Prefácio Antônio Candido. São Paulo: EDUSP, 1997.

BENJAMIN, Walter. *Baudelaire e a modernidade*. Tradução João Barrento. Lisboa: Autêntica, 2015.

\_\_\_\_\_. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. “Über den Begriff der Geschichte”. In: ADORNO, Theodor. *Gesammelte Schriften Band I, 2*. Herausgegeben von Rolf Tiedermann und Hermann Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1974.

CARNEIRO, José Fernando. *Apresentação de Jorge de Lima*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 1954.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Cidadão do Mundo: O Brasil diante do Holocausto e dos judeus refugiados do nazifascismo (1933-1948)*. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2010.

355

\_\_\_\_\_. *O anti-semitismo na Era Vargas: Fantasmas de Uma Geração (1930-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Made in Africa (Pesquisas e Notas)*. São Paulo: Global, 2001.

CORREA, Mariza. *As ilusões da liberdade: A escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. 3. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013.

DIWAN, Pietra. *Raça Pura: Uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007.

FINKENBERGER, Martin. “Johann von Leers und die, faschistische Internationale‘ der Fünfziger und Sechziger Jahre in Argentinien und Ägypten”, *Zeitschrift für Geschichtswissenschaft*, [s.l.], Heft 6, n. 59, 2011.

LEERS, Johann von. “Das Rassenproblem in der südamerikanischen Literatur”, *Deutsche Medizinische Wochenzeitschrift*, [s.l.], 14 maio 1937.

LIMA, Jorge de. “À margem de Euclides”. *Teresa Revista de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP*, São Paulo, n. 1, Editora 34, 2000. (Original: *Atlântico: revista luso-brasileira*, Lisboa, n. 3, p. 56-9, março de 1943).

\_\_\_\_\_. *Anchieta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

\_\_\_\_\_. *O anjo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

\_\_\_\_\_. *Obra Completa: Poesia e Ensaio*. Organização Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1958. v.1.

\_\_\_\_\_. *O destino higiênico do lixo no Rio de Janeiro*. Cópia fotografada por Diego Cervelin na Faculdade de Medicina da UFRJ, [1914].

\_\_\_\_\_. *Poemas Negros*. Prefácio Gilberto Freyre. Posfácio Vagner Camilo. Comentário Vera D’Horta. Ilustrações Lasar Segall. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

\_\_\_\_\_. *Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien*. Leipzig: Adolf Klein Verlag, 1934.

\_\_\_\_\_. *Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien*. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Costa, 1951.

\_\_\_\_\_. *Salomão e as mulheres*. Ed. fac-sim. Curitiba: Editora da UFPR, 2006.

NINA RODRIGUES, Raymundo. *Os africanos no Brasil*. Revisão e prefácio de Homero Pires. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

ODALIA, Nilo. *Formas do mesmo: Ensaio sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

PEIXOTO, Afrânio. *Minha Terra, Minha Gente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Paris: Aillaud; Lisboa: Bertrand, 1916.

\_\_\_\_\_. *Higiene: Higiene Geral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1926. v. 1.

PICHOT, André. *A sociedade pura: De Darwin a Hitler*. Tradução Maria Carvalho. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

POLIAKOV, Léon. *O mito ariano: Ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. Tradução João Luiz Gaio. São Paulo: Perspectiva: EDUSP, 1974.

POVINA CAVALCANTI, Carlos. *Vida e obra de Jorge de Lima*. Rio de Janeiro: Edições Correio da Manhã, 1969.

RAEDERS, Georges. *O conde de Gobineau no Brasil*. Tradução Rosa Freire d’Aguilar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWENNHAGEN, Ludwig. *Antiga História do Brasil de 1100 a.C. a 1500 d.C: Tratado Histórico*. Introdução e notas de Moacir C. Lopes. 5. ed. Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2008.

WEGENER, Robert. “A eugenia alemã e a doença de Nietzsche”. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA ANPUH, N°26, 2011, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: ANPUH, jul. 2011.

Recebido em: 01/03/2020

Aceito em: 27/03/2020